

# PROBLEMAS FILOSÓFICOS DA CONTEMPORANEIDADE

## Noção de figuração e limites da linguagem no Tractatus de Wittgenstein Bruno Senoski do Prado - UNICENTRO

Para Wittgenstein, o mundo é a totalidade dos fatos. Fatos estes que determinam tudo o que ocorre e o que não ocorre; e a relação entre tais fatos nos mostra como é o mundo, como ele é estruturado logicamente. Em sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus*, o autor em questão, procura traçar não os limites do pensamento, mas os limites da expressão do pensamento. Todos os problemas filosóficos, os questionamentos referentes à esse mundo, decorrem, segundo Wittgenstein, do fato de não entendermos a lógica, a estrutura da nossa linguagem. Sendo assim, é indispensável compreender a sua construção lógica para que possamos compreender os problemas que nos cercam. E, devido à deficiência de compreensão acabamos ultrapassando os limites da linguagem, e conseqüentemente, os limites da expressão do pensamento, criando assim, problemas que não existem, os “pseudo-problemas”.

Reconhecer os limites da linguagem é necessário para seu desenvolvimento. E é essa questão que norteia as reflexões de Wittgenstein no *Tractatus*, e posteriormente, através delas afirma que toda filosofia é crítica da linguagem, “pois é sua tarefa nos dizer o que pode e o que não pode ser dito, o que faz e o que não faz sentido”. (PINTO, 1998)

A linguagem para Wittgenstein é a totalidade das proposições, sendo estas as bases para a crítica da linguagem feita por ele. Assim, a proposição é entendida como a única forma de expressar um pensamento de maneira que tenha sentido, de forma lingüística. No *Tractatus*, Wittgenstein nos mostra que a proposição não é uma mistura de palavras sem sentido, mas sim articulada. Na linguagem deve haver uma ligação entre as palavras para que haja sentido lógico na expressão. “O sinal proposicional consiste em que seus elementos, as palavras, nele estão uns para os outros de uma determinada maneira.” (Wittgenstein, 1968. p. 85) Para que uma proposição faça sentido, sendo ela que descreve o mundo, o mundo deve ter já a mesma estrutura lógica da proposição.

Segundo ele, existem dois tipos de proposições: as elementares e as complexas. As proposições complexas são as que formam a linguagem, sendo elas, por sua vez formadas por proposições elementares, que são uma articulação de nomes. Para Wittgenstein, os nomes são “signos simples, que não possuem sentido fora da proposição, mas formam uma condição de possibilidade da linguagem” (PINTO, 1998); sendo eles partes essenciais da proposição, sem os quais ela não existiria. Contudo, o nome só tem significado no contexto da proposição elementar. O nome é um sinal primitivo (essencial) da linguagem, sendo ele o que permite a existência da linguagem. A análise da linguagem deve ter um fim, e esse fim é o nome, o último constituinte da proposição

Segundo Wittgenstein, por a linguagem ser um todo articulado por nomes que denotam objetos existentes no mundo tem o poder de representar o mundo, através da proposição que vai até o mundo e consegue representá-lo. O mundo é um conjunto de fatos e nossa linguagem figura esses fatos. Wittgenstein herda a idéia de Hertz sobre a figuração e a desenvolve utilizando a lógica clássica de Russel e Frege. Como modelo formal da linguagem, utiliza-se do cálculo proposicional de Russel, buscando estabelecer a forma lógica da linguagem.

A figuração não se trata de uma imagem natural, uma simples cópia do real, mas de uma relação abstrata e complicada. A realidade e a imagem que dela é formulada se correspondem enquanto estrutura, onde ambas descrevem o mundo de maneira completa. Os elementos que formam a proposição se tornam figuração da realidade, embora o nome isolado não seja figuração do objeto, assim existindo apenas no contexto da proposição. A linguagem estabelece uma simetria perfeita com o mundo, como é apresentado no aforismo 4.02: “Isto se vê ao entendermos o sentido do signo proposicional sem que ele nos tenha sido explicado. A proposição é a figuração da realidade; pois conheço a situação representada por ela quando entendo a proposição. E entendo a proposição sem que o sentido me seja explicado.” (Wittgenstein, 1968. p. 72).

As coisas, que constituem os fatos, estão num espaço de coisas possíveis onde existem suas possibilidades e suas relações com outras coisas se efetivam. Pensar esse tal espaço sem a coisa é possível, mas não a coisa sem o espaço A possibilidade que existe do aparecer nos estados de coisas é a forma dos objetos. O que estabelece contato entre fato e proposição são as relações afigurantes. No Tractatus, Wittgenstein procura analisar as condições de possibilidades das figurações por meio da linguagem

As imagens que formamos das coisas são nossas concepções sobre elas. E para que essas imagens sejam aceitas como corretas, elas precisam respeitar as leis

de nosso pensamento; porém, esse respeito não é a única coisa pela qual as imagens que formamos precisam passar. Elas precisam também estar de acordo com a realidade externa. Devido Wittgenstein se utilizar de meios lógicos, como o cálculo proposicional em suas reflexões sobre a linguagem e sobre a figuração, as leis do pensamento, pelas quais as imagens precisam passar, deixam de ser entendidas como psicológicas e passam a ser entendidas como lógicas.

Segundo Wittgenstein, no *Tractatus*, “a figuração é o pensamento”; então o pensamento possui todas as condições necessárias da afiguração. Dessa forma, o pensamento possui uma forma de afiguração comum a ele e ao pensado. Logo, “o pensamento é uma figuração lógica que tem uma forma lógica” (DALL’AGNOL, 2008). O pensamento possui em si a possibilidade do pensado e não o próprio pensado, afinal, o pensamento se constitui de possibilidades do mundo e não em porções do mundo.

Apresenta-nos, portanto, a forma lógica como o fator de correspondência entre o mundo e a figuração, como fica claro no aforismo 2.18: “O que cada figuração, de forma qualquer, deve ter sempre em comum com a realidade para poder afigurá-la em geral – correta ou falsamente – é a forma lógica, isto é, a forma da realidade.” (Wittgenstein, 1968, p.60) E é graças à essa lógica que podemos figurar o mundo. A linguagem precisa de algo que a permita ir ao mundo e figura-lo, e o que a permite fazer isso é a forma lógica da proposição.

Para que uma figuração, qualquer que seja sua forma, possa afigurar a realidade, correta ou falsamente, precisa ter em comum com tal realidade a sua forma lógica, a forma da realidade. Toda figuração tem uma forma lógica pelo fato de ser um recorte de uma situação possível do mundo. O mundo depende da combinação existente entre seus elementos, isto é, dos objetos. E, tendo os objetos a possibilidade de combinação entre si, existe um espaço lógico, sendo ele por sua vez, o somatório de todas as possibilidades combinatórias entre os objetos. Ainda para que uma figuração possa cumprir a tarefa de afigurar a realidade ela precisa cumprir as seguintes condições: ser bipolar (no sentido de poder ser verdadeira ou falsa), ter uma estrutura, ter uma forma de afiguração, possuir uma regra de tradução, a forma de afiguração precisa ser uma forma lógica, e, por ultimo, ter noção de relação afigurante. É essa ultima condição que permite que haja um contato entre figuração e realidade e também que se note a diferença entre elas.

## Referências

DALL'AGNOL, Darlei. (org.). Wittgenstein no Brasil. Escuta; São Paulo, 2008.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. Iniciação ao silêncio. Edições Loyola; São Paulo, 1998.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus Lógico-Philosophicus. Companhia Editora Nacional; São Paulo, 1968.

# IX SEMANA ACADÊMICA DE FILOSOFIA

16 A 19 DE NOVEMBRO DE 2010